

Sermões

Acções de filantropia – *Rigyo* 利行 por Rev. Jiso Forzani parte 1

A expressão "*rigyo*" é típica da linguagem canónica utilizada em Sotoshu. Foi descoberta no texto de Dogen Zenji, *Bodaisatta shishobo* 菩提薩埵四攝法 que é o vigésimo oitavo fascículo na versão de sessenta fascículos do *Shobogenzo*.

Estudiosos na investigação da escrita, da história e, em alguns casos, da autenticidade dos fascículos do *Shobogenzo* ainda não chegaram à partilha de conclusões unânimes. Os estudiosos consideram a versão de setenta e cinco fascículos como o mais fiável *Shobogenzo*, com a anexação da colecção separada de doze fascículos. O texto que escolhemos não faz parte desta edição. Na lista da versão em inglês do *Shobogenzo* em curso, como parte do Projecto de Textos de Soto Zen organizado pela Sede Administrativa Sotoshu, *Bodaisatta shishobo* inclui temporariamente a lista de "outros fascículos."

Não podemos considerar aqui os estudos complexos da génese de cada volume do *Shobogenzo*, mas basta assinalar que o posicionamento do nosso texto não foi estabelecido com certeza. Não obstante, um grande excerto constitui uma parte relevante da quarta secção do *Shushogi* 修証義, um conjunto de frases extraídas de textos do Dogen Zenji, compiladas no final do século dezanove para formar uma espécie de compêndio, principalmente para utilização dos leigos, sobre os pontos principais da doutrina Sotoshu.

Para podermos falar sobre a expressão *rigyo*, que é o tema desta vez, devemos procurar entender o sentido do título do texto, *Bodaisatta shishobo*, o qual traduzi como "Os quatro métodos abrangentes de bodisattva."

Bodaisatta é a tradução Chinesa da palavra em sânscrito "*bodhisattva*", que significa, literalmente, de acordo com o Dicionário Sânscrito-Inglês de Monier-Williams, "aquele cuja essência é o perfeito conhecimento; aquele que está a caminho de alcançar o perfeito conhecimento."

A essência do sentido das palavras antigas ainda em uso muda com a alteração das influências culturais e a sensibilidade geral. Com o tempo, "*bodhisattva*" passou a significar apenas Maitreya, ou seja, o próximo Buda, as encarnações anteriores de Shakyamuni no caminho para se tornar Buda, aqueles que iriam compreender o Buddhahood na vida seguinte e aqueles que seguem o Caminho apontado pelo Buda para o verificar nas suas próprias vidas.

Actualmente, se tivesse que definir sinteticamente o sentido de "*Bodhisattva*", diria: todos os que seguem o Caminho que o Buda percorreu, não para o bem da realização pessoal mas acreditando que o objectivo que o Buda apontou é o melhor possível também para a sua própria vida. Tentarei, mais tarde, clarificar melhor o que isto significa.

Shishobo também é a tradução Chinesa da expressão original em sânscrito *catuḥ-saṃgraha-vastu*. Menciono aqui esta referência etimológica apenas para assinalar que é uma expressão antiga, já em uso há pelo menos dez séculos antes da época de Dogen Zenji (por exemplo, encontramos-la no *Lotus Sutra*). No entanto, a referência às palavras em sânscrito, embora úteis para melhor captarmos algumas formas do sentido da expressão, não nos ajuda a compreender o que Dogen Zenji pretendia com a utilização da palavra, porque ele não conhecia o original em sânscrito.

A palavra é composta por três caracteres Chineses, que significam, respectivamente: *shi* 四quatro; *sho* 攝compreender, abranger; *bo* (*ho*) 法estilo, método. Mais em detalhe: *sho*, habitualmente lido como *setsu*, um caractere que a maioria dos leitores encontra frequentemente, dado que é parte da palavra composta *sesshin* 攝心, que no mundo Zen habitualmente descreve um retiro zazen intensivo comunitário. *Sesshin* significa, por exemplo, "encontro de corações" e, ainda mais simplesmente, "união espiritual". Os participantes em *sesshin* estão espiritualmente ligados pelo facto de se sentarem juntos, imóveis e em silêncio, com o único objectivo de se sentarem juntos, imóveis e em silêncio, realizando, desta forma, uma união espiritual pessoal e comunitária. *Setsu* (lido excepcionalmente neste caso como *sho*) tem o duplo significado de algo que unifica, compreende, abrange e a própria união, o facto da compreensão e integração. *Ho*, aqui lido como *bo* por motivos eufónicos, é o caractere Chinês que traduz a expressão em sânscrito *dharma*, com todos os respectivos significados. No meu entendimento, neste caso, *ho* tem o significado de método, forma de ser como forma de pensar, de falar, comportamental.

Em resumo, *shishobo* representa as quatro abrangentes formas de ser do bodhisattva, porque incluem todas as atitudes existenciais do bodhisattva que compreende e abrange todas as quatro e porque reconhecemos o bodhisattva pelo facto de abranger e entender na sua forma de vida essas quatro formas de ser. São chamadas, respectivamente: *fuse* 布施, *aigo* 愛語, *rigyo* 利行, *doji* 同事.

Este é o contexto onde encontramos a expressão que é tema deste artigo, *rigyo* 利行.

Não sabemos exactamente de que forma o próprio Dogen Zenji entendeu esta palavra e em que sentido a utilizou. Penso que é impossível reconstruir o sentido do Dogen Zenji, mesmo que analisemos as suas palavras com grande cuidado. Vemos com os nossos próprios olhos, analisamos com os instrumentos que temos disponíveis e entendemos com o nosso próprio intelecto: os nossos esforços para a objectividade não podem ser separados da nossa posição subjectiva. Assim, temos que reconhecer que o nosso entendimento é composto por dois elementos: em primeiro lugar, a fidelidade ao estudo mais preciso e à investigação sobre a possível intenção de Dogen Zenji. Em Segundo lugar, a nossa interpretação pessoal dessa expressão, necessariamente diferente, do que pretendia "verdadeiramente" Dogen Zenji. É por este motivo que se diz que uma boa tradução é uma "infidelidade leal".

Continua.

Sermões

Acções de filantropia – *Rigyo* 利行 por Rev. Jiso Forzani parte 2

Rigyo (em sânscrito *artha-carya*) é uma palavra composta de dois caracteres Chineses (aqui lido com pronúncia Japonesa): *ri* 利 que significa "vantagem", "beneficência", "interesse", "utilidade", "ganho", "proveito" e *gyo* 行 "acto", "comportamento", "conduta", "fazer", "agir", "realizar", "ir". O sentido conjunto é, por conseguinte, "acto de beneficência", "conduta proveitosa", "comportamento de beneficência", "realizar no interesse de", "fazer no interesse de"... Também devemos realçar que *ri* é a palavra utilizada em muitas outras compostas para indicar interesse (também no sentido económico), aptidão e eficácia, pelo que o sentido global é de algo verdadeiramente vantajoso.

As frases acerca de *rigyo* de *Shobogenzo Bodaisatta-Shishobo* são aqui traduzidas duas vezes, com duas intenções e em dois estilos diferentes. A primeira é, na medida do possível, uma tradução literal, tentando transmitir as palavras do Dogen directamente para Português. É uma pequena amostra do seu poder de expressão, mesmo correndo o risco de permitir alguma sombra, algo que se mantém obviamente obscuro para nós. A segunda é uma tradução interpretativa, livre de quaisquer fronteiras filológicas. Ou seja, é uma forma possível de ler e compreender as palavras do Dogen hoje, no nosso contexto cultural, para transmitir o sentido eloquente para a nossa vida quotidiana. Isto também corresponde à intenção do Dogen. Ele escreveu o que escreveu, não como um exercício literário, mas para exprimir o seu entendimento sobre o Caminho do Buda e para comunicar o encorajamento para o seguir. Isto é particularmente verdadeiro no caso de um texto como este, cujo significado só é eloquente se for realmente praticado.

A primeira tradução precisa da segunda para ser actualizada; a segunda é justificada pela primeira como sendo a sua própria origem.

Acto de beneficência significa utilizar boas competências para benefício dos seres humanos, de forma nobre e humilde. Por exemplo, desenhando a perspectiva ao perto e ao longe, utilizamos instrumentos para benefício dos outros. Alguém com pena de uma tartaruga em sofrimento, alimenta um pardal doente. Vendo uma tartaruga em sofrimento, quando vê um pardal doente, sem procurar qualquer recompensa, age apenas para o benefício do outro. Os tolos pensam que se alguém põe os benefícios dos outros à frente, o reconhecimento próprio será eliminado. Mas não é assim. O acto de beneficência é um dharma (completo), beneficia ambos, nós próprios e os outros. Um ancião, enquanto tomava banho uma vez, amarrou o cabelo três vezes. Enquanto tomava uma refeição uma vez, parou de comer três vezes. Apenas tinha espírito para benefício dos outros. Nunca aconteceu que não tivesse instruído uma pessoa do povo.

Assim, devemos beneficiar igualmente os odiados e os amados e, da mesma forma, beneficiarmos os outros e nós próprios. Se nos imbuirmos deste espírito, a verdade de nunca afastarmos e nunca mudarmos os actos de beneficência (expandindo) de cada um para a relva, a madeira, o vento e a água torna-se verdadeiramente um benefício. Temos de cuidar apenas de salvar os tolos.

Agora tentamos expressar os mesmos conceitos em palavras contemporâneas num cenário cultural contemporâneo, um exercício que cada leitor pode facilmente fazer para si próprio, valorizando este texto na sua própria situação.

Deveríamos perguntar a nós próprios qual deveria ser o princípio que inspira a conduta de uma pessoa que deseja seguir o Caminho do Buda. Que tipo de objectivo deve um bodhisattva perseguir? Eu responderia que cada um deve comportar-se no interesse de todos os seres, agindo com todas as suas competências para a vantagem de qualquer ser vivo. Para iso, antes de mais, não se deve preocupar com o estado ou condição de ninguém, se é rico ou pobre, bem instruído ou ignorante, inteligente ou feio. Falando em concreto, significa utilizar todas as ferramentas úteis para o verdadeiro interesse de todos os seres, olhando para o ambiente que o rodeia e, num contexto mais amplo, para o efeito imediato e as possíveis consequências num futuro distante. Não devemos pensar que iremos obter alguma recompensa ou vantagem pessoal deste tipo de comportamento. Quando damos uma migalha de pão ou alguns grãos de arroz aos pombos, quando voltamos uma

tartaruga para que fique em pé, não esperamos ganhar nada para nós em troca. O gesto é justificado por si próprio; é a expressão de uma atitude, sem procurar qualquer recompensa pessoal.

Os patetas pensam que colocar os interesses dos outros em primeiro lugar significa reduzir os seus próprios, mas não é assim que funciona. Neste sentido, não podemos dizer que fazemos sacrifícios pelos outros, que renunciamos a algo para o benefício de outros. O comportamento de beneficência é um acto completo em si mesmo, a recompensa está no próprio acto, é proveitoso para o próprio e para os outros, é no verdadeiro interesse de ambos. É o encontro mais profundo entre tu e eu, onde o verdadeiro sentido de "eu e o outro" é realizado. Assim, se alguém precisa do nosso cuidado e atenção, ainda que sejamos pessoas com responsabilidades públicas relevantes, não devemos preocupar-nos com a condição, os pertences, o estatuto dessa pessoa, se é compatriota ou estrangeiro, se pertence ao nosso grupo ou se é estranho a ele. Ainda que estejamos envolvidos em actividades muito pessoais e privadas, como a comer ou num momento de descontração, simplesmente paramos e cuidamos do outro quando alguém pede a nossa atenção. Temos que trabalhar para o benefício de ambos, para a pessoa mais agradável e para a menos simpática, para pessoas que gostamos e para quem não gostamos, no interesse de ambos, nós próprios e os outros. Se tiver este tipo de atitude, o benefício torna-se eficaz em meu redor. Vai chegar os seres vivos circundantes e toda a matéria dita inanimada que se encontra em redor. Todo o nosso mundo irá beneficiar. É uma realidade que nunca pára nem muda. Assim, a única maneira de o fazer é salvando as pessoas da sua patetice.

Sermões

Acções de filantropia – *Rigyo* 利行 por Rev. Jiso Forzani parte 3

Na primeira parte deste artigo discutimos o contexto deste texto e procedemos à tradução na segunda parte. Na parte final, pretendemos avaliar o que pode significar para as nossas vidas actuais.

O ponto central da questão é simples e claro – trabalhar para o bom de cada um e dos outros, que é um bom único, não dois "bons" separados ou mesmo opostos. Mas ao dizermos isto, dissemos tudo e nada. Se não clarificarmos o sentido do "benefício" e como podemos calcular esse benefício, estas palavras não são mais do que um apelo geral para fazer o bom, de forma óbvia tal como desprovida de significado. Toda a gente diz sempre que devemos fazer bom. Como toda a gente diz sempre isso a toda a gente, por esta altura, o bom deveria prevalecer em todo o lado. Claramente, este não é o caso. Porquê? Uma das razões é o facto do nosso conceito de bom ser relativo. O que consideramos bom depende da nossa escala de valores e os padrões relativos que aplicamos. Depende de quem os aplica, a duração do tempo decorrido, o local, os precedentes, etc. O que é bom para mim pode não ser bom para si, o que é bom hoje pode não ser bom amanhã, o que é bom para o espírito pode não ser bom para o corpo, o que é bom para uma criança pode não ser bom para um adulto, etc. De cada vez que os seres humanos clamam por determinar um valor absoluto para bom ou estabelecer o bom absoluto, apenas surgem desastres e tragédias, porque definir o absoluto não faz sentido o que provoca um curto-circuito na realidade. Mas então, o que significa "benefício" aqui?

Podemos encontrar uma pista no título do texto, onde aparece a expressão *rigyo*. É claro aqui que o "benefício" significa algo vantajoso, do ponto de vista de *bodhisattva*. Vamos considerar a definição que apresentamos no início, completando-a da seguinte forma: *bodhisattva* é alguém que orienta a sua vida seguindo o objectivo apontado por Buda, olhando para o mundo com os olhos de despertar. O mundo do *bodhisattva* é a paisagem em frente dos olhos do despertado, no momento do despertar do Buda. Este é o ponto de vista do *bodhisattva*. A tradição Budista transmite algumas "descrições" da visão do Buda neste despertar. Existe uma em particular que escolhi por ser certamente familiar ao *Dogen*. É evidente um rasto claro disso no texto que traduzimos. De acordo com a tradição Chinesa, no momento de despertar, Buda fez uma proclamação que veio a tornar-se mais tarde uma expressão característica da visão da realidade nos olhos do despertado. Podemos encontrar essa frase em textos Chineses antigos, como o *Dajogenron*, um texto do período Sui (cerca de 581-618). Também resume o pensamento da literatura *Nehan gyo* (Nirvana sutra). Em Japonês, esta frase diz "*so moku kokudo shikkai jobutsu*" 草木國土悉皆成仏. Numa tradução livre, significa "Todos os seres vivos, com consciência e sem consciência, todos vêm agora para ser Buda". Não existe o mínimo sinal de separação entre Buda e o mundo – no preciso momento em que Buda é Buda, tudo é Buda. Esta é a posição que um *bodhisattva* assume para si próprio(a) e para o mundo.

O senso comum diz que todas as pessoas vivem a sua própria vida, pelo que devemos olhar para os nossos próprios interesses, mesmo à custa dos outros. No mundo visto pelos olhos de *bodhisattva*, não funciona desta forma. A minha vida não existe aqui sem a sua, nem a sua existe sem a minha e, em caso algum, os meus interesses podem estar em conflito com os seus. Assim, cuidar do mundo é cuidar de mim. Não pode existir nada que seja bom para mim e mau para os outros. O mal dos outros, de alguma forma, volta para mim.

Este é o valor mais alto. Aliás, podemos dizer que é o único valor. É o tesouro escondido ao alcance da mão, de acordo com o qual devemos formatar o nosso comportamento.

"Acto de beneficência" é testemunhar com o nosso próprio comportamento este entendimento da realidade, partilhando desta forma com outras pessoas, porque aqui resta o benefício completo. Mas "*bodhisattva*" significa também saber que não sou Buda, que sou um ser humano condicionado pelos meus próprios limites constitutivos. A visão do Buda, para mim, é uma visão de fé que os meus olhos humanos não me concedem. Como posso inspirar o meu comportamento para a visão descrita anteriormente sem fingir ser o que não sou, de ver o que não vejo?

Tenho facilmente disponível um instrumento simples e fundamental que me permite colocar-me nesta posição de fé – a postura *zazen*. Em *zazen*, a discriminação entre eu próprio e os outros, entre o mundo do despertar e o mundo condicionado não é considerada. Simplesmente sentado em silêncio, desperto e liberto de qualquer relacionamento, estar sentado em *zazen* é estar na posição de "trabalhar a fé" 信行. A posição de *zazen* é o padrão da acção benéfica, a atitude básica à qual voltamos, trazendo-a para qualquer momento, para qualquer situação da nossa vida.

Se nos imbuirmos deste espírito, a verdade de nunca afastarmos e nunca mudarmos os actos de beneficência (expandindo) de cada um para a relva, a madeira, o vento e a água torna-se verdadeiramente um benefício. Assim, a única coisa a fazer é cuidar de salvar os tolos, sabendo que o primeiro tolo a salvar sou eu que escrevo, por quem está a ler.

No reproduction or republication without written permission. Copyright © SOTOZEN.COM All rights reserved.